

"Sente-se" para apreciar as fotos de Miguel Louro

O autor, o bracarense Miguel Louro, celebra com esta exposição 30 anos de dedicação à fotografia e os trabalhos agora expostos podem mesmo ser adquiridos por quem estiver interessado, dadas a sua qualidade de impressão e os seus atributos estéticos.

REDACÇÃO

Está disponível até 31 de Julho, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, em Braga, a exposição de fotografia de Miguel Louro, assim nomeada «SENTE-SE», a qual consta de 55 platinotípias, uma técnica de impressão hoje em dia tomada como recurso de eleição e linguagem de estilo (ver caixa).

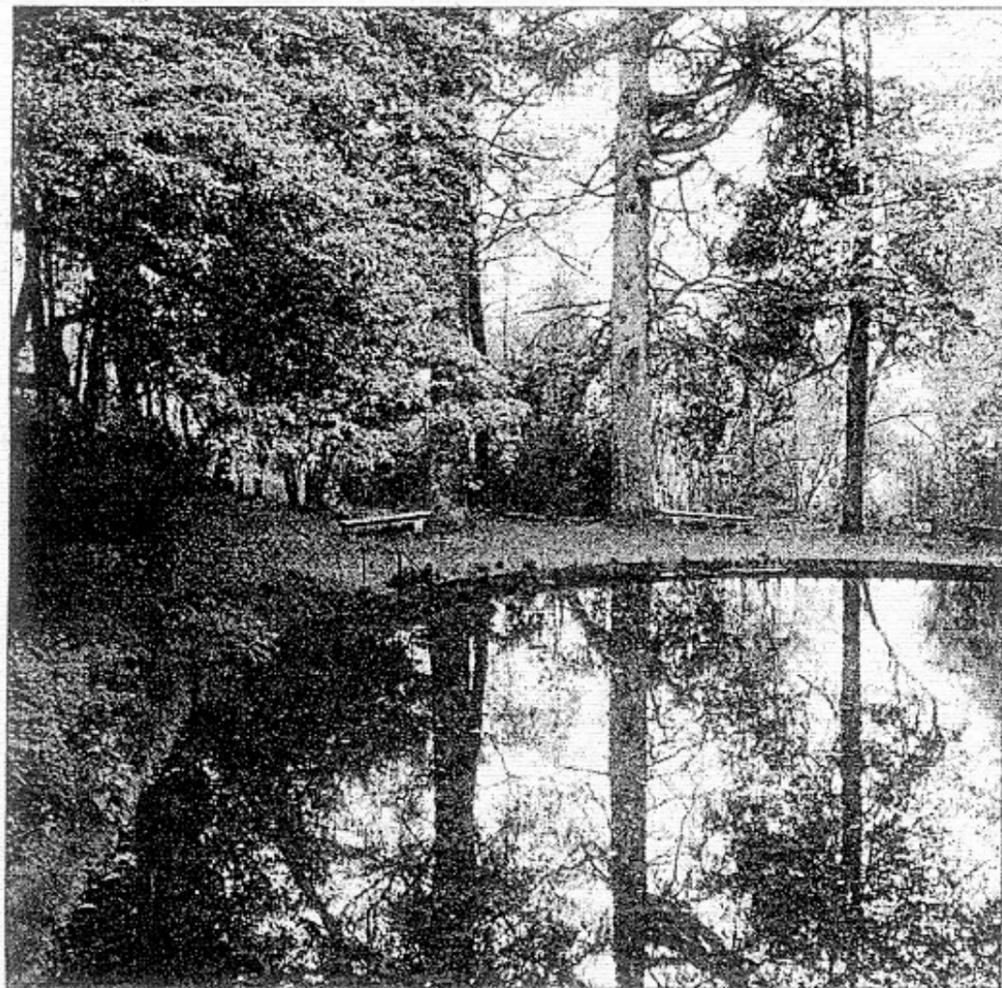
Tendo sido inaugurada no Centro Cultural da Ordem dos Médicos, no Porto, onde esteve de Dezembro de 2005 a Janeiro de 2006, esta exposição foi apresentada, em parte, no Clube de Golfe de Ponte de Lima. O autor, o médico bracarense Miguel Louro, celebra com esta exposição 30 anos de dedicação à arte da fotografia e os trabalhos agora expostos podem mesmo ser adquiridos por quem estiver interessado, dadas a sua qualidade de impressão e os seus atributos estéticos.

Sente-se – tomada como ordem ou conselho, esta acção verbal, que sintetiza a exposição de fotografias de Miguel Louro e que nomeia também o livro da sua biografia, remete-nos para o acto físico de nos sentarmos, fazendo uso de um meio ou instrumento que se transforma em lugar, em sítio. "Onde nos sentamos é o lugar onde estamos, mas é também o objecto, a coisa, em que nos sentamos" – explica o fotógrafo.

Sente-se – tomada como declaração ou exclamação, esta acção verbal remete-nos para o acto de sentir, assumido reflexivamente ou direccionado emocionalmente para um objecto ou uma matéria exterior a nós.

Esta dupla leitura do título da exposição de fotografias e da biografia de Miguel Louro funda-se ora no percurso reflexivo do sujeito, ora na temática que o seu campo de visão reuniu para este evento.

Ao longo do tempo e ao largo do mundo, ao longo de trinta anos e em muitos países, Miguel Louro fixou com a sua objectiva aspectos que feriram a sua subjectividade de observador, de curioso, de participante, de cidadão, tomando a fotografia como um processo de recolha de novidades e variações sobre o outro, na ânsia de nos compreendermos melhor a nós próprios. Um destes aspectos – o lu-



Pormenor da cerca do Mosteiro de Tibães

gar on assento – tornou-se agora alvo da curiosidade e da fixação do fotógrafo, assumiu-se como linguagem de interpretação dos sentidos do mundo.

A ideia de assento é estruturante da cultura dos povos: presente na teologia da imortalidade, o assento à direita de Deus, presente na teleologia política, os tronos e os assentos à esquerda e à direita, presente nas ideologias pedagógicas e ecológicas, bem sentado, mal sentado, sentado naturalmente, sentado artificialmente, enfim, presente nas visões económicas, tecnológicas, artísticas, recreativas: o berço de ouro, o assento ejectável, o lugar de distinção, o camarote, a plateia, a tribuna, a bancada...

UM MÉDICO... DA IMAGEM

Estamos perante a 20ª exposição individual de Miguel Louro, desta feita produzida no processo de platinotípias, com o objectivo de proporcionar ao público observador e apreciador um campo de reflexão e uma área temática de estudo, como o texto de José Machado «Sente-se – ser assento assédio sé» – procura concretizar.

Leopoldo Miguel de Sousa Louro Cruz, nasceu

em 30 de Novembro de 1955, na Póvoa de Varzim. É o mais velho de quatro irmãos, dois rapazes e duas raparigas; o pai era funcionário das finanças e a mãe era professora primária na escola de Averomar. Fez a sua instrução primária em Braga, na escola de S. Lázaro e os estudos secundários no Liceu Sá de Miranda.

Em 1982 Miguel Louro fez-se médico. Actualmente Miguel Louro é médico, assistente graduado de Clínica Geral do Centro de Saúde de Braga, extensão de Sequeira, com o cargo de consultor. É também médico especialista em medicina de trabalho.

Sócio fundador da AFCA. É o sócio n.º 710 da Associação Fotográfica do Porto, desde 1/01/1978. É o sócio n.º 19004 da Sociedade Portuguesa de Autores. É sócio da Sociedade dos escritores e artistas médicos.

VÍCIO DE 25 ANOS

No dia 30 de Novembro de 2005, Miguel Louro, o médico e o fotógrafo, fez 50 anos de vida e celebrou 30 anos de dedicação à arte de fotografar.

O «vício da foto» – título escolhido pela revista Braga agora 3, para dar notícia de

uma publicação relativa aos 25 anos de actividade fotográfica de Miguel Louro, continua inscrito no seu instinto de olhar e de manipular a «caixinha pendurada no pescoço». Quanta ironia possa conter a escolha desta expressão, «o vício da foto», a própria se encarrega de a relevar: quando uma curiosidade de infância se transforma em vício na idade adulta, e passou pelas fases do prazer, do hóbi, do hábito, certamente carrega em si mesma as contribuições positivas de todas as fases anteriores e também todos os defeitos acumulados, sendo que estes se tornaram já património de autor, marca reveladora de estilo. Fora de uma acepção profissional, o acto de fotografar, quando se enuncia como «vício», sugere que já marcou, para o bem e para o mal, o seu possuidor, já lhe fez vincos e dobras indeléveis, já o caracterizou como manipulador, artista ou performer. O fotógrafo é agora personagem da história de uma arte que assumiu como seu complemento de formação e de realização humanas. O fotógrafo viciado já não prescindia mais da máquina que manipulou: é já uma vítima dela, sujeito às aprendizagens que consolidou ao longo dos anos de prática.

Platina: saiba mais...

platina, f. Metal branco, mais pesado que o ouro e difícil de fundir.

platinotípias, f. Processo de imprimir em chapas de platina.

In Cândido de Figueiredo, Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 15ª Ed. Lisboa, 1978.

(Vocabulo registado em 1899 na 1ª edição deste dicionário, então chamado Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Lisboa, 1899)

platina, s.f. (1838 cf. O Panorama) QUIM elemento químico de número atómico 78 (símb.: Pt) (Us. em material cirúrgico e de laboratório, em joalharia, odontologia e como catalisador.)

platinar, v. (1899, cf. Cândido de Figueiredo) 1 t.d. cobrir de platina por meio de processos electroquímicos.

platin(i/o)- el. comp. antepositivo, do esp. Platina 'platina, metal precioso', dim. de plata 'prata'; ocorre em cultismos, ger. da terminologia química, do sXIX em diante...

platin(o)- el. comp. antepositivo, do v. gr. Platino 'alargar, dilatar, ocorrente em cultismos, preferentemente da nomenclatura zoológica, do sXIX em diante...

platinotípias, s. f. (1899, cf. CF) processo de impressão fotográfica que utiliza chapas revestidas de sais de platina.

-típias, el. comp. pospositivo, do gr. tupos, ou 'marca feita de golpe, marca impressa, figura, símbolo, emblema, tipo' + o suf. -ia formador de subst. abstractos, em compostos do sXIX em diante... de entre outros, são exemplos: cromotípias, daguerreotípias, fototípias, platinotípias...

In Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Círculo de Leitores, Lisboa, 2003

PLATINOTÍPIA – HIST. DA FOT. a impressão em platina/paládio tem uma longa tradição, remontando ao início da história da fotografia, apesar da primeira patente do processo só ter sido registada em Inglaterra em 1873 por William Willis. Uma ampla divulgação sucedeu até à 1ª Guerra Mundial, embora a partir desse período, devido as questões de custo e dificuldade na obtenção de platina e paládio, desviados entretanto para aplicações bélicas, o processo tenha caído no esquecimento até aos princípios dos anos 70. Um artigo da época, do "master printer" George Tice, publicado num interessante volume da Time-Life Books (1972), fez ressurgir o interesse por este tipo de impressão como especialidade fotográfica na área das "fine arts". Fotógrafos como Frederick Evans, Alfred Stieglitz, Edward Weston, entre outros, foram alguns dos mais importantes utilizadores desta técnica desde o séc. XIX. Mais recente, Irving Penn, Robert Mapplethorpe ou Kenro Izu são alguns dos nomes importantes que igualmente utilizaram este processo. PORT. a utilização por fotógrafos portugueses desta técnica de impressão foi muito esparsa no séc. XIX, sendo igualmente rara no séc. XX, até aos nossos dias. PROC. os procedimentos de impressão iniciam-se com a escolha criteriosa de um papel de alta qualidade, 100% algodão. Segue-se o seu emulsionamento com uma solução especial de sais de platina e paládio, revelando-se esta operação crítica, porque a referida solução deverá penetrar o papel de forma absolutamente controlada. A segunda etapa consiste em expor o papel a luz ultravioleta em contacto com o negativo de gelatina/cerâmica especialmente produzido para o efeito, sendo posteriormente processada e lavada.

O que resulta de todo este processo, é uma imagem com uma inconfundível atmosfera, formada unicamente com micro-partículas metálicas de platina e paládio puros, embebidas nas fibras do papel, passando a fazer parte da estrutura do mesmo. Esta técnica de impressão fotográfica, distingue-se de outras pela inexistência de qualquer substrato adicional e na estabilidade química da platina e do paládio. As imagens tornam-se tão permanentes como o papel de alta qualidade que lhes serve de suporte. A sua duração em perfeitas condições, pode ser avaliada na ordem das centenas de anos, tornando as "platina/paládio" muito desejadas tanto por museus como colecionadores de fotografia. Poder-se-á destacar ainda a ausência total de brilho, gama tonal muito extensa e delicada, sensação de tridimensionalidade e outros atributos menos tangíveis, que conferem a estas impressões um carácter único.